

## CAPÍTULO 2

---

### MOBILIDADE VIRTUAL EM REDE NO CONTEXTO DA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DA UAb<sup>1</sup>

**Darlinda Moreira** | [darlinda.moreira@gmail.com](mailto:darlinda.moreira@gmail.com)

CEMRI, Universidade Aberta, Rua da Escola Politécnica, 147, 1269-001 Lisboa, Portugal

**Filipa Seabra** | [filipa.seabra@uab.pt](mailto:filipa.seabra@uab.pt)

LE@D, Universidade Aberta, Rua da Escola Politécnica, 147, 1269-001 Lisboa, Portugal

CIED/UMinho

---

<sup>1</sup> Agradecemos a boa colaboração e partilha da Dra. Margarida Carmo da Universidade Aberta e de todos os estudantes que participaram no programa de mobilidade, cujas disponibilidades para responderem a entrevistas, questionários e outros pedidos permitiram o aprofundamento deste estudo.

## RESUMO

Este capítulo tem como objetivo expor e analisar o amplo entendimento da ideia de mobilidade virtual tanto em articulação com a internacionalização no contexto do ensino superior a distância online, como explorando as suas potencialidades e lugar na atualidade e no futuro da educação terciária. Para isso apresenta o projeto-piloto que promoveu a mobilidade virtual no contexto Iberoamericano – o projeto PIMA-AIESAD – que juntou quatro universidades, nos anos 2012/13 e 13/14, através de um processo de negociação entre as coordenações das licenciaturas que constituíam a rede universitária do projeto, entre as quais a Licenciatura em Educação da Universidade Aberta (UAb). Seguidamente expõe os processos necessários para a concretização da experiência de internacionalização e prosseguimento virtual dos estudos no estrangeiro, que permitiu aos estudantes vivenciar a mobilidade virtual durante um semestre. Por último, partindo de relatos de experiências dos estudantes e de gestores do projeto que participaram na iniciativa, e da análise elaborada por parte da coordenação do projeto discute-se as mais-valias da experiência e reflete-se sobre as limitações e dificuldades encontradas, visando contribuir para apoiar o desenvolvimento de outros projetos de mobilidade virtual.

**Palavras-chave:** Mobilidade virtual; Ensino superior; Educação a Distância Online; Internacionalização; Gestão

## ABSTRACT

This chapter aims to expose and analyze the broad understanding of the idea of virtual mobility both in articulation with internationalization in the context of online distance education and exploring its potential and place in the present and future of tertiary education. To this end, it presents the pilot project that promoted virtual mobility in the Ibero-American context – the PIMA-AIESAD project – that brought together four universities in the years 2012/13 and 13/14, through a process of negotiation between the coordinators of the 1st cycles degrees in the university's that composed the project network, among which the Open University Education Baccalaureate (UAb). It then sets out the necessary processes for the realization of the internationalization and virtual pursuit of studies abroad, which allowed students to experience virtual mobility during a semester. Lastly, based on reports of the experiences of the students and project managers who participated in the initiative, and from the analysis prepared by the project coordinator, we will present and discuss the benefits of this experiment, reflect on the limitations and difficulties encountered, to help support the development of other virtual mobility projects.

**Key-words:** Virtual mobility; Higher Education; Online Distance Education; Internationalization; Management

## 1 | INTRODUÇÃO

A mobilidade, a interculturalidade e a aprendizagem ao longo da vida são características das sociedades em rede e do conhecimento que se concretizam em experiências quotidianas de um número cada vez maior de indivíduos. Com efeito, com a consolidação de práticas de mobilidade, o contacto regular entre indivíduos e entre grupos, a distância ou presencial, tem vindo a consolidar-se na maioria dos grupos culturais, atuando como uma forma de transformar as experiências pessoais, sociais e culturais de relacionamento, de socialização e de aprendizagem e partilha.

Em especial a mobilidade virtual tem vindo a aumentar exponencialmente a capacidade de viagem e de trocas culturais abrindo horizontes de saberes e experiências que de outro modo seriam impossíveis de realizar para a maioria dos indivíduos. Importa assim lembrar, desde já, as consequências positivas dos contactos interculturais entre grupos e indivíduos e destacar a sua importância para o desenvolvimento do conhecimento, da economia e da cultura.

Neste quadro, as instituições de ensino superior, e mais especificamente as universidades, que desde a sua fundação apostam na mobilidade, evidenciam a centralidade desta ideia que é considerada como “... uma oportunidade chave para a aprendizagem e desenvolvimento” (Eurostat, 2009, p. 106), e é incentivada através de vários programas de intercâmbio estudantil, como por exemplo o Erasmus +, observando-se, conseqüentemente, um crescimento significativo no número de estudantes em mobilidade que, de 2,1 milhões, em 2002, aumentou para 3,4 milhões, em 2009 (Choudah & Chang, 2012).

Este artigo tem como objetivo expor e analisar o amplo entendimento da ideia de mobilidade virtual e a sua articulação com a internacionalização no contexto

do ensino superior a distância online, bem como as suas potencialidades e lugar na atualidade e no futuro da educação terciária. Para isso apresenta o projeto-piloto que promoveu a mobilidade virtual no contexto Iberoamericano – o projeto PIMA-AIESAD – que juntou quatro universidades, nos anos 2012/13 e 13/14. Através de um processo de negociação entre as coordenações das respetivas licenciaturas, entre as quais a Licenciatura em Educação da Universidade Aberta (UAb), que negociaram um conjunto de tópicos para formar uma rede onde os estudantes poderiam realizar uma experiência de internacionalização e prosseguir virtualmente os estudos no estrangeiro, durante um semestre. Seguidamente, partindo de relatos de experiências dos estudantes e de gestores do projeto que participaram na iniciativa, e da análise elaborada por parte da coordenação do projeto passa-se a apresentar e discutir as mais-valias dessa experiência, refletir sobre as limitações e dificuldades encontradas, visando contribuir para apoiar o desenvolvimento de outros projetos de mobilidade virtual.

## 2 | A MOBILIDADE VIRTUAL NO QUADRO DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO A DISTÂNCIA

O fenómeno, relativamente recente, de mobilidade virtual vem acrescentar novas possibilidades à mobilidade estudantil, docente e de funcionários permitindo uma maior flexibilidade na capacidade de ultrapassar fronteiras territoriais com a vantagem adicional dos custos envolvidos serem, comparativamente, bastante reduzidos. É, assim, conveniente ter em atenção este fenómeno que pode ser definido como:

“uma forma de aprendizagem que comporta componentes virtuais e decorre em ambientes de aprendizagem sustentados nas TCI e que inclui colaborações entre pessoas de diferentes origens e culturas que estudam e trabalham juntas com o propósito principal de ampliar a compreensão intercultural e a troca de conhecimentos” (Corbella & Alvarez-Gonzalez, 2014, p.166).

Outros autores consideram a mobilidade virtual como:

“uma alternativa, um complemento ou uma preparação para a mobilidade física (...) que possibilita o desenvolvimento de um programa de estudos nacionais ou internacionais, na área de interesse do estudante, através da metodologia de educação a distância” (Fuente, Ferreira, Fueyo, Soler & Lanvin, 2011, p. 3).

Outros ainda, como a EADTU, destacam as possibilidades oferecidas pela Mobilidade virtual que

“...permite o acesso a cursos e estudos em países estrangeiros possibilitando atividades de comunicação com professores e colegas estrangeiros através das novas tecnologias de informação. Para o estudante é uma experiência educacional genuína onde através da interação com os outros podem adquirir competências interculturais (EADTU, 2004, p. 3).

A possibilidade da mobilidade virtual nas instituições de ensino superior expressa uma nova compreensão da realidade que integra variáveis globais e locais, a qual constrói uma rede onde as pessoas são virtualmente integradas,

estabelecendo, no início, colaborações e ações que podem evoluir para a construção de textos, projetos ou artefactos digitais, ou mesmo comunidades de aprendentes ou de práticas, para já não falar dos relacionamentos e laços de amizade pessoais. Esta rede virtual que pode incluir indivíduos (professores e alunos) de várias instituições e de vários países, para além das pessoas e das atividades educativas que as ligam, abrange ainda os cenários e os contextos virtuais promovidos pelas instituições de ensino superior em rede, designadamente, das universidades abertas, que promovem o ensino a distância online. Ou seja, estudantes em qualquer lugar do mundo, para progredir na sua formação, têm à sua disposição instituições de ensino superior localizadas, elas próprias, em qualquer parte do planeta.

Note-se contudo que vários estudiosos têm argumentado que, se por um lado a mobilidade virtual facilita experiências internacionais proporcionando uma sólida alternativa à mobilidade física, não só não a pode substituir completamente como, por outro lado, as potencialidades da mobilidade virtual ainda não foram completamente exploradas, existindo todo um conjunto de possibilidades de participação virtual e de combinação da mobilidade virtual com a física (denominada *blended mobility*) que requerem mais estudo e desenvolvimento (Moor & Henderikx, 2013).

Finalmente sintetizamos as vantagens da mobilidade virtual numa dimensão pessoal, institucional e de desenvolvimento de recursos coletivos educativos. Agrupando estas três dimensões com os elementos que, de acordo com Fuente et al (2011), constituem as oportunidades mais importantes da mobilidade virtual, destacam-se as seguintes características:

## **A nível pessoal**

Destaca-se a interatividade e comunicação entre professores e estudantes de diferentes nacionalidades e proveniências culturais que visam a formação académica mas também devem proporcionar momentos de contacto cultural. Para isso devem ser proporcionados diferentes ambientes digitais onde a comunicação e a participação são encorajados, tais como plataformas de comunicação, videoconferências, wikis, blogues, emails chats, a possibilidade de participar em conferências e encontros científicos com ligação *streaming*, etc.

## **A nível de desenvolvimento de recursos educativos**

Destaca-se a formação de equipas multiculturais para desenhos curriculares, de softwares, de recursos e outros que garantam as diferentes perspetivas culturais que devem de ser fomentadas para que a aprendizagem da diversidade seja efetivamente concretizada nestes encontros virtuais.

## **A nível institucional**

Destaca-se que a mobilidade virtual facilita a criação e troca de unidades curriculares, ou a criação e lecionação de unidades curriculares conjuntas, bem como a criação de programas de estudo e certificações conjuntos, para além dos projetos de investigação e realização de eventos com participações transnacionais simultâneas.

### 3 | O PROJETO DE MOBILIDADE VIRTUAL

#### i) o lançamento

A Associação Iberoamericana de Ensino a Distância juntamente com a Organização dos estados Iberoamericanos criaram, em 2012, o projeto piloto PIMA-AIESAD<sup>2</sup> cujo objetivo era “promover o intercâmbio de experiências de mobilidade virtual entre universidades iberoamericanas”. A ideia deste projeto foi lançada na Assembleia geral do encontro anual da AIESAD, tendo as seguintes universidades aderido à ideia e se comprometido em diligenciar no sentido de criar as condições para a articulação necessária com vista à efetiva concretização do projeto: Universidade Aberta (UAb), de Portugal; Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM), do México; Universidad Nacional de Educación a Distancia (UNED) de Espanha; e Universidad Nacional de Quilmes (UQuilmes), da Argentina.

Desde este momento fundador ficou acordado entre as universidades participantes a isenção de pagamento de taxas ou propinas na instituição de acolhimento, o que permitiu contornar um dos entraves que se colocam a processos de mobilidade – o dos encargos com transferências internacionais, discrepâncias de preçário e outras dificuldades a nível administrativo. Foi ainda decidido atribuir a cada estudante uma bolsa, no valor de 200€ a qual se destinava a custear despesas relacionadas com eventuais custos adicionais como por exemplo: a aquisição de materiais de estudo, ou de maiores velocidades de acesso na ligação à internet.

A criação, em cada uma das universidades, tanto das condições necessárias para a realização do projeto quanto para a respetiva articulação interinstitucional, mostrou-se uma tarefa complexa e exigente. Por exemplo, o sistema de ECTS

<sup>2</sup> Ver [http://aiesad.cederj.edu.br/principal/?page\\_id=55&lang=es](http://aiesad.cederj.edu.br/principal/?page_id=55&lang=es) (último acesso em 20/12/2016).

não se encontrava igualmente implementado nas universidades participantes e os sistemas de classificações eram diferentes. Estes aspetos foram ultrapassados através de acordos bilaterais entre as universidades envolvidas no projeto que definiram no início do processo a forma de reconhecimento e equivalências mútuas (AIESAD/AECID/OEI, 2012).

Outro aspeto a destacar foi o acordo inicial que estabeleceu a existência de duas línguas oficiais de comunicação – o português e o espanhol – ou seja, as duas línguas utilizadas nas universidades participantes.

Os diferentes calendários escolares das universidades envolvidas bem como a calendarização das atividades mostrou-se um assunto extremamente delicado em virtude de abranger aspetos relacionados com os hábitos culturais e com calendários profissionais e pessoais dos estudantes, já que uma das universidades funcionava exatamente no período de férias das outras (Quadro 1).

Quadro 1: Calendário Letivo

	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev
U. Quilmes	23/07 a 08/11 Período letivo (P. L.)					3 a 14 P. E.		
U. Aberta				06/10 a 20/01 P. L.				28/1 a 22/2 P. E.
UNED				06/10 a 25/01 P. L.				20/1 a 17/2 P. E.

Legenda: Período Letivo (P. L.); Período de Exames (P. E.)<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> Nota: Não se apresenta o calendário da UNAM atendendo ao facto de nenhuma mobilidade se ter concretizado entre essa universidade e a Universidade Aberta.

## **ii) A concretização do projeto na UAb**

Na Universidade Aberta, a Licenciatura em Educação foi o primeiro curso envolvido no processo de mobilidade virtual promovido no âmbito do projeto PIMA-AIESAD. Assim, no ano de 2011/2012 a Licenciatura em Educação da UAb recebeu 2 estudantes da UNED (Espanha) e 2 estudantes da UQuilmes (Argentina) tendo também enviado 2 estudantes da Licenciatura em Educação para as mesmas duas universidades estrangeiras.

Para participar neste projeto, os estudantes necessitavam de ter concluído os 2 primeiros anos dos seus cursos integralmente, ou terem concluído 120 ECTS. No caso dos estudantes da UAb, esse requisito fez com que apenas os estudantes finalistas reunissem as condições necessárias para participar na iniciativa.

Foram oferecidas 8 Unidades Curriculares (UC's) pela UNED (Espanha); 9 UC's pela UNAM (México), 4 UC's pela UQuilmes (Argentina) e 18 UC's pela Universidade Aberta, Portugal, todas as quais na área da Educação. Enquanto as UC's das duas universidades europeias estavam creditadas com 6 ECTS cada, as UC's das universidades sul-americanas estavam creditadas com 4 e 10 créditos, respetivamente, não correspondendo estes a ECTS.

No ano letivo 2013/2014, na Universidade Aberta a experiência foi alargada a mais duas licenciaturas: Gestão e Ciências do Ambiente. Participaram no projeto de mobilidade virtual 2 estudantes da Licenciatura em Educação da UAb na UQuilmes e 1 na UNED, além de estudantes de outras duas licenciaturas.

## 4 | METODOLOGIA

Nesta investigação optou-se por um desenho metodológico que se baseia numa análise de segunda ordem (Hewson, 2006) sobre os dados já existentes e cujos resultados se encontram publicados em estudos anteriores (Seabra & Moreira, 2015), aos quais foram acrescentados os dados provenientes de um inquérito dirigido a todos os estudantes que participaram no Projeto PIMA/AIESAD através da licenciatura em Educação da Universidade Aberta (fossem eles estudantes da UAb em mobilidade externa, ou estudantes de outras universidades em mobilidade interna na UAb) e, ainda uma entrevista com a pessoa responsável pela coordenação administrativa do projeto na UAb, cujo papel foi crucial para o sucesso do projeto, tanto no lançamento como no acompanhamento. Esta coordenadora foi convidada a expor a sua experiência, através de uma entrevista semiestruturada por nós conduzida – colaboração que prontamente concedeu e que agradecemos.

Deste modo pretendemos com este estudo, por um lado complementar a descrição da experiência ocorrida com as novas informações que advêm das opiniões e perspetivas dos estudantes, na medida em que experienciaram o processo em primeira mão, mostrando outras potencialidades para aprofundar e alargar o conhecimento desta realidade e, por outro lado, o ponto de vista da coordenação administrativa do projeto, recolhido através do depoimento mais pormenorizado numa entrevista à sua principal agente. Esta entrevista permite recolher uma perspetiva relacionada com a gestão e coordenação de projetos internacionais e sobre a forma como se constroem e desenvolvem estes projetos. Em suma recolhemos e analisámos dados que nos permitem associar e complementar o ponto de vista da coordenação administrativa com

o ponto de vista dos estudantes portugueses e dos estudantes estrangeiros que frequentaram a UAb durante o primeiro ano do projeto.

Em relação aos estudantes, os dados foram recolhidos através de um breve questionário, elaborado pelo Gabinete de Relações Internacionais da Universidade Aberta, que foi enviado, em versão eletrónica, por email, pela coordenação do projeto, no dia 20 de junho de 2015, e reencaminhado a 29 de junho do mesmo mês. Foi garantido o anonimato e a confidencialidade, bem como o uso dos dados apenas com fins de investigação e melhoria da intervenção. Todas as respostas foram registadas entre os dias 20 e 29 de junho de 2015<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> O questionário incluía 10 questões de resposta fechada, respondidas numa escala de Likert de 4 pontos, em que 1 corresponde a «Nada Satisfeito» e 4 a «Muito satisfeito». Estes itens avaliaram a satisfação dos estudantes com vários aspetos específicos da experiência de mobilidade (organização, receção, acesso, compreensão da língua, dificuldade dos conteúdos, interação com colegas e professores, materiais, avaliação), bem como com o processo em geral. Foram ainda incluídos dois itens de resposta aberta, que pretendiam recolher a perceção dos estudantes de forma mais qualitativa. Em concreto, incidiam sobre 'o que faltou para que a satisfação global com o projeto fosse 4' e se 'Recomendaria(m) a participação num projeto de mobilidade virtual a um colega', indicando as razões para tal.

## 5 | O PONTO DE VISTA DA ADMINISTRAÇÃO E GESTÃO

De acordo com a responsável pela coordenação do projeto na UAb, a primeira reunião da Assembleia Geral da AIESAD onde foi lançada a ideia foi basilar, pois os participantes vinham já com o apoio reitoral das respetivas universidades para integrarem o projeto como instituições parceiras e, assim sendo, “partiu-se muita pedra” nesta reunião uma vez que o PIMA-AIESAD, foi o primeiro projeto que concretizou a mobilidade virtual ao nível prático. Foram referidas as áreas científicas, o número de estudantes, as questões da avaliação, entre outros assuntos e os presentes nesta reunião, aperceberam-se do carácter inovador e pioneiro do projeto.

Após esta reunião, os contatos entre as universidades foram estabelecidos, tanto ao nível das respetivas coordenações nacionais, como da AISAIED, por email e por telefone. As coordenações nacionais deferiam de acordo com as dinâmicas e cultura organizacional das respetivas universidades e, no caso da UAb, a coordenação ficou sediada no Gabinete de Relações Internacionais. Foi esta coordenação nacional central, que, no caso da Universidade Aberta, contactou com as coordenações dos cursos e que em conjunto com estas e através de uma forte colaboração, concretizou o projeto na UAb.

Como afirma a responsável pelo projeto na UAb

“A comunicação nas universidades maiores foi mais complicada em virtude de não existir um “elo” específico, ou seja, de posicionamento similar para o estabelecimento da relação, pois era fundamental a gestão do projeto não “cair em cima do docente... para não estarem os técnicos a falar de problemas de

docência e os docentes a falarem de problemas de gestão”.

De acordo com esta responsável, “a 1.<sup>a</sup> grande dificuldade foram as diferenças nos calendários entre hemisfério norte e sul” que destacou ainda três dimensões basilares para o sucesso do projeto em termos organizativos, as quais surgiram sequencialmente da seguinte forma:

- Primeiro, o apoio institucional a nível da reitoria;
- Depois, a comunicação e a coordenação do PIMA ao nível da AIESAD e entre as universidades participantes;
- Finalmente, o envolvimento dos departamentos e a comunicação interinstitucional ao nível dos departamentos, mediada pela coordenação, em cada universidade.

Outro aspeto destacado por esta responsável foi o balanço francamente positivo, apesar do intenso trabalho dedicado ao projeto. Como afirma:

“A mobilidade virtual, que não exclui a mobilidade física, é mesmo uma área a apoiar e desenvolver, pois em falas com os estudantes era isso mesmo que se percebia”.

Com efeito, também por parte da administração e planeamento central, foi visível a preocupação com a aprendizagem e com a opinião dos estudantes tendo sido enviados inquéritos, em dois momentos distintos, cujo índice de respostas foi o mais elevado possível, sendo que dois estudantes, ofereceram-se mesmo para apresentar depoimentos que serão analisados mais à frente neste texto.

Esta técnica superior destaca igualmente a importância do projeto para a universidade, tanto para esta se dar a conhecer em termos da oferta pedagógica mas também para os estudantes estrangeiros conhecerem a UAb e o seu

modo de funcionamento. Contudo, como afirma:

“Tive pena de não participarem universidades brasileiras...de o Brasil não participar”.

O ponto considerado mais negativo foi a comunicação com um dos parceiros, que na sua perspectiva não funcionou e, conseqüentemente, naquela universidade, os estudantes não tiveram “ponto de apoio” para estabelecer a integração na nova turma virtual. Outras limitações apontadas relacionam-se com a questão das equivalências em termos de áreas científicas em oferta, já que os departamentos podem não aderir ao projeto que exige abertura e flexibilidade para encontrar e aceitar uma malha de unidades curriculares com possibilidades de assegurar as respetivas creditações e equivalência. Ou seja é necessário colocar em perspectiva os benefícios de uma estrutura onde, muito embora as unidades curriculares não tenham exatamente os mesmos conteúdos, já que a coincidência a 100% entre os planos de estudos é praticamente impossível, continuam a ter a maior pertinência para o percurso do estudante. Outras zonas problemáticas identificada a nível da administração central do projeto foram a aceitação da língua e o calendário de exames pois chegavam as férias para uns e outros estavam a começar o semestre. Além disso, em relação aos estudantes portugueses, o número de ECTS exigido para participar no projeto coincidia com o último ano da licenciatura, ou seja, os estudantes elegíveis eram os finalistas, que tinham preocupações com a conclusão do curso e conseqüentemente menor disponibilidade. A articulação com os Serviços académicos, com os docentes, com a calendarização dos exames e tempo de vigilância extra foram dimensões que exigiram inovação e boa vontade de todos os envolvidos para que o sucesso do projeto não fosse

comprometido.

O enorme benefício, segundo esta responsável, foi a adesão dos alunos, que inicialmente não faziam ideia do que era a mobilidade virtual, mas que quando a concluíram, avaliaram a experiência de forma muito positiva tanto em termos académicos como culturais.

Ao fim do 1.º ano de experiência surgiram várias sugestões de melhoramento, algumas das quais foram implementadas no 2.º ano do projeto, destacando esta responsável a exigência de menos ECTS para a elegibilidade de integração no projeto, e o alargamento das áreas científicas (que no 1.º ano incluía apenas a Educação). Finalmente foi salientada a forma abrupta como o projeto terminou, sem ter sido previsto como transferir o conhecimento adquirido nesta experiência para outras situações. Como foi notado, a mobilidade virtual é referida no Erasmus, ou seja a valorização existe em termos teóricos mas em termos práticos isso nem sempre se verifica, pois o princípio do Erasmus é mais difícil em termos de funcionamento virtual. Por isso as instituições, à semelhança do Erasmus, têm de ser elas próprias a criarem formas de responder aos desafios colocados pela mobilidade virtual.

## 6 | PONTO DE VISTA DOS ESTUDANTES QUE PARTICIPARAM

Após um momento preliminar de recolha de dados, em que foram abrangidos apenas os estudantes que participaram no primeiro ano da experiência, e cujos resultados foram já apresentados (Seabra & Moreira, 2015), repetimos a aplicação, abrangendo desta vez todos os estudantes que participaram no Projeto PIMA/AIESAD através da licenciatura em Educação da Universidade Aberta (fossem eles estudantes da UAb em mobilidade externa, ou estudantes de outras universidades em mobilidade interna na UAb).

O instrumento de recolha de dados,<sup>5</sup> um breve questionário de satisfação elaborado pelo Gabinete de Relações Internacionais da Universidade Aberta, foi enviado em versão eletrónica, por e-mail, pela coordenação do projeto, no dia 20 de junho de 2015, e reencaminhado a 29 de junho do mesmo mês. Foi garantido o anonimato e a confidencialidade, bem como o uso dos dados apenas com fins de investigação e melhoria da intervenção. Todas as respostas foram registadas entre os dias 20 e 29 de junho de 2015.

Apresentamos de seguida os resultados do questionário de satisfação aos participantes no Projeto. Foram recolhidas 7 respostas no total, das quais quatro correspondentes a estudantes da UAb em mobilidade na universidade de Quilmes, 1 a um estudante da UAb em mobilidade na UNED, 1 a um estudante da UNED em Mobilidade na UAb e 1 a um estudantes da UQuilmes em mobilidade na UAb. Em suma dos 7 estudantes, 5 eram da UAb em mobilidade externa e dois eram estudantes em mobilidade interna na UAb.

---

<sup>5</sup> Ver nota n.º 3.

Em relação à organização e acompanhamento do processo de mobilidade virtual por parte da instituição de origem, todos os respondentes exprimiram satisfação, já que todos apresentaram respostas iguais ou acima de 3 pontos, como expresso na figura 1.

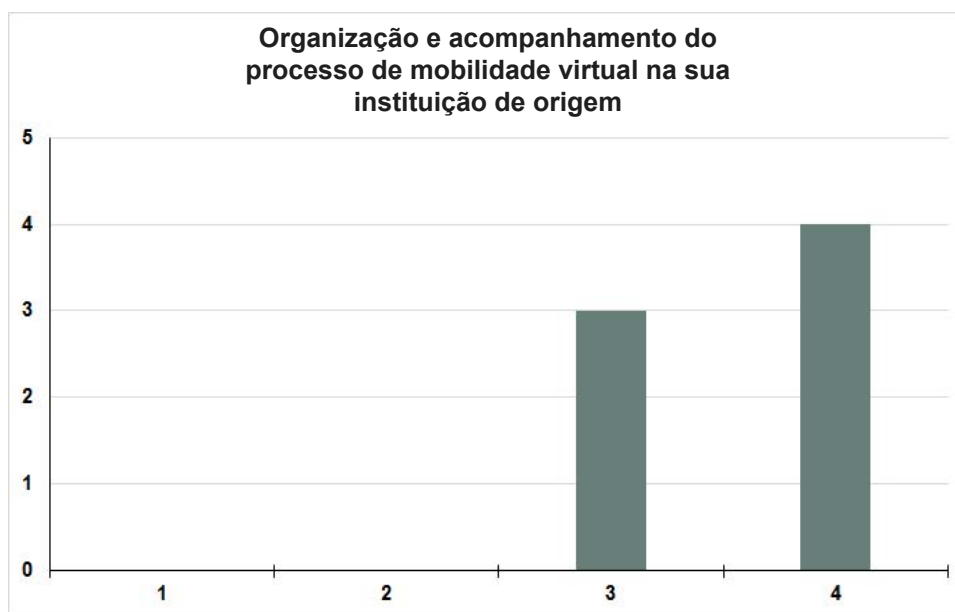


Fig. 1 – Satisfação dos respondentes (em frequência de resposta) face à organização e acompanhamento do processo de mobilidade virtual na instituição de origem.

Já em relação à forma como foram recebidos pela instituição de acolhimento, e embora a expressiva maioria dos respondentes se considere satisfeito ou muito satisfeito, houve 2 estudantes que avaliaram de forma negativa a sua experiência (Fig. 2).

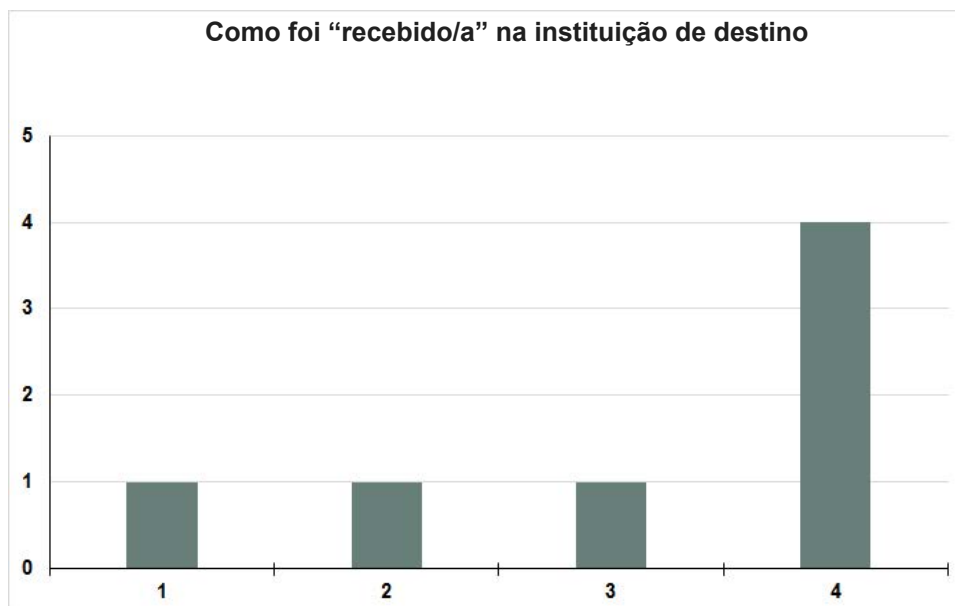


Fig. 2 – Satisfação dos respondentes (em frequência de resposta) face à receção na instituição de destino.

A análise caso a caso das respostas aos itens que particularizam vários aspetos da experiência de mobilidade, poderão ajudar a esclarecer quais os aspetos que mereceram maior e menor satisfação. Em particular, no que diz respeito ao acesso à plataforma da universidade de destino, volta a verificar-se uma maioria expressiva de respostas indicadoras de satisfação, acompanhada de duas respostas indicadoras de menor satisfação (Fig. 3).

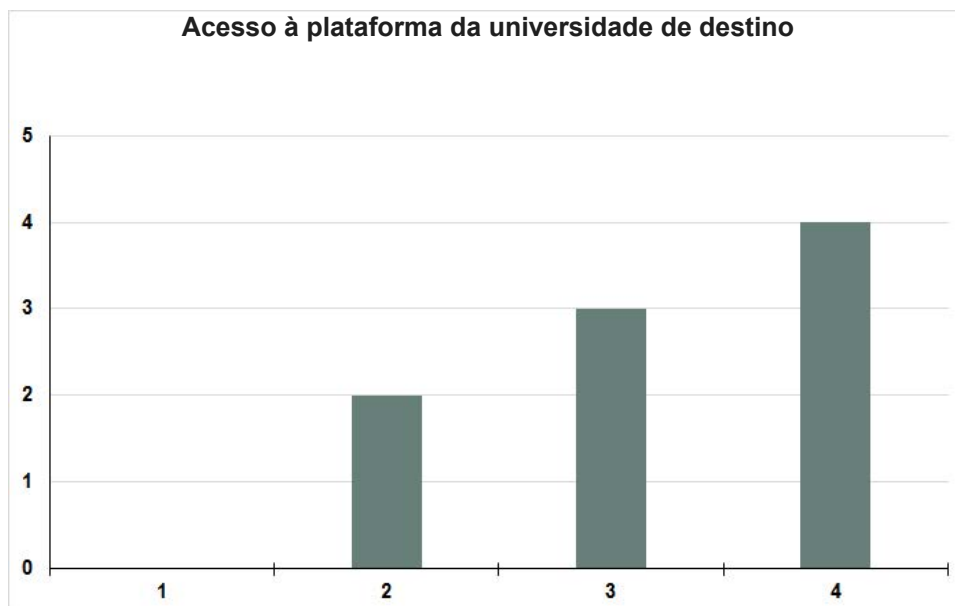


Fig. 3 – Satisfação dos respondentes (em frequência de resposta) face ao acesso à plataforma na universidade de destino.

Para este grupo de respondentes, a barreira linguística não foi, de todo, sentida. Todos os participantes se manifestaram satisfeitos e até maioritariamente muito satisfeitos, com a compreensão dos materiais de aprendizagem em língua original (Fig. 4).

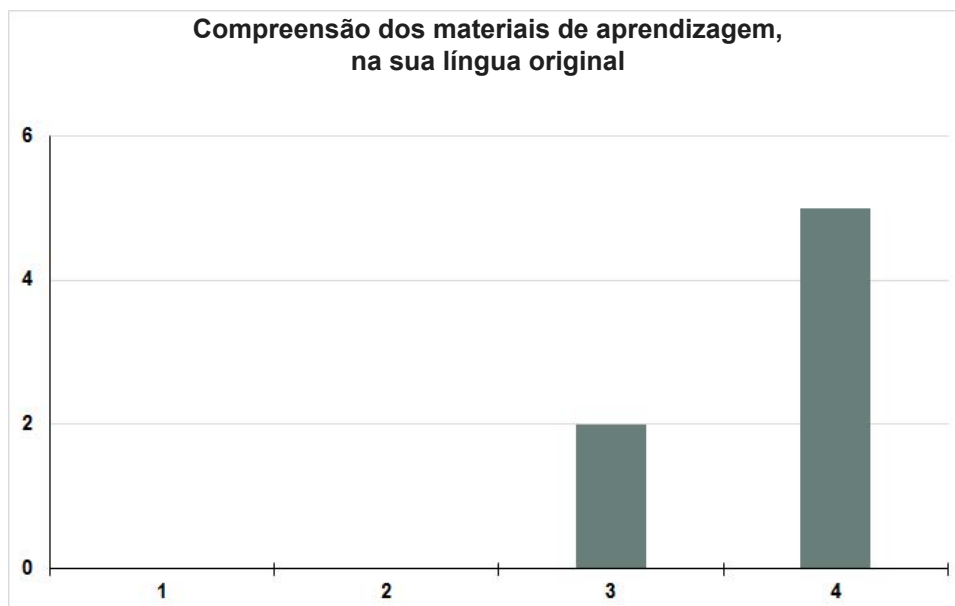


Fig. 4 – Satisfação dos respondentes (em frequência de resposta) face à compreensão dos materiais de aprendizagem, na sua língua original.

Também o grau de dificuldade das matérias estudadas na universidade de destino não parece ter sido um obstáculo muito sentido pelos participantes. Apenas um dos respondentes indicou alguma insatisfação a este nível (Fig 5).

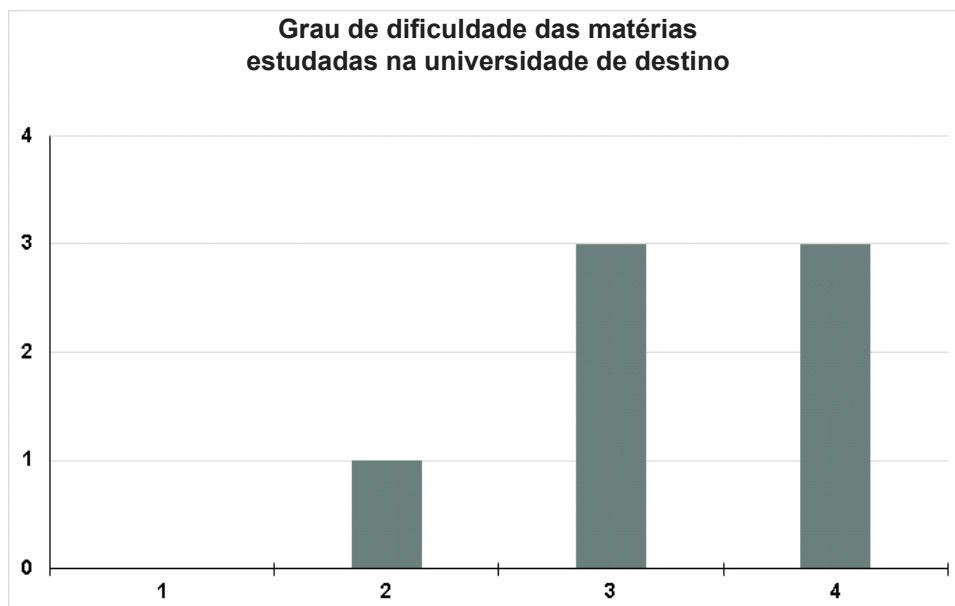


Fig. 5 – Satisfação dos respondentes (em frequência de resposta) face ao grau de dificuldade das matérias estudadas na universidade de destino.

No que diz respeito à interação com os colegas, verifica-se uma ampla maioria de respostas positivas, embora moderadas (a moda situa-se no nível 3). Uma vez mais, apenas uma pessoa indicou insatisfação a este nível. Este foi, ainda assim, o item que se destacou como globalmente menos positivo, na avaliação dos participantes (Fig. 6).

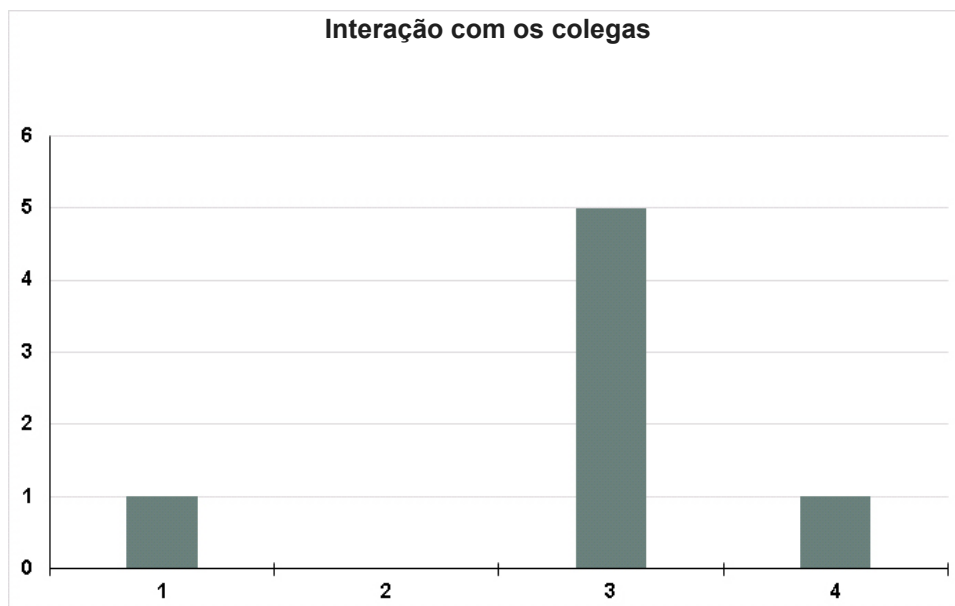


Fig. 6 – Satisfação dos respondentes (em frequência de resposta) face à interação com os colegas.

O quadro relativo à interação com os professores é mais positivo. Repete-se uma só resposta indicadora de descontentamento, desta vez mais moderado, e 6 das 7 respostas indicam satisfação, dividindo-se equitativamente entre a posição moderada e a mais extrema no que tange a essa satisfação (Fig. 7).

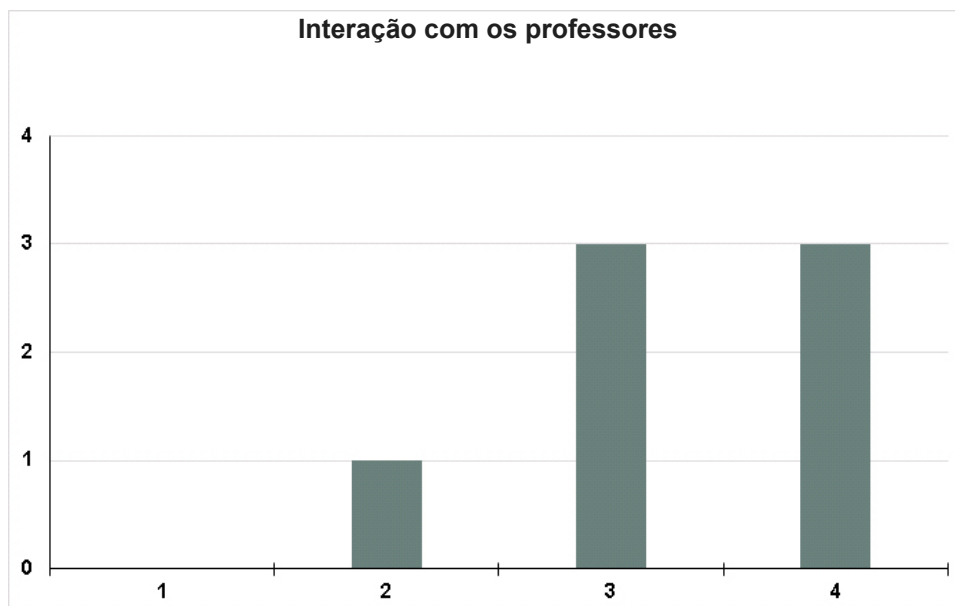


Fig. 7 – Satisfação dos respondentes (em frequência de resposta) face à interação com os professores.

Também o acesso aos materiais de aprendizagem foi sentido de forma muito positiva (moda = 4) pelos participantes. Volta a registar-se uma só resposta indicadora de insatisfação moderada (Fig. 8).

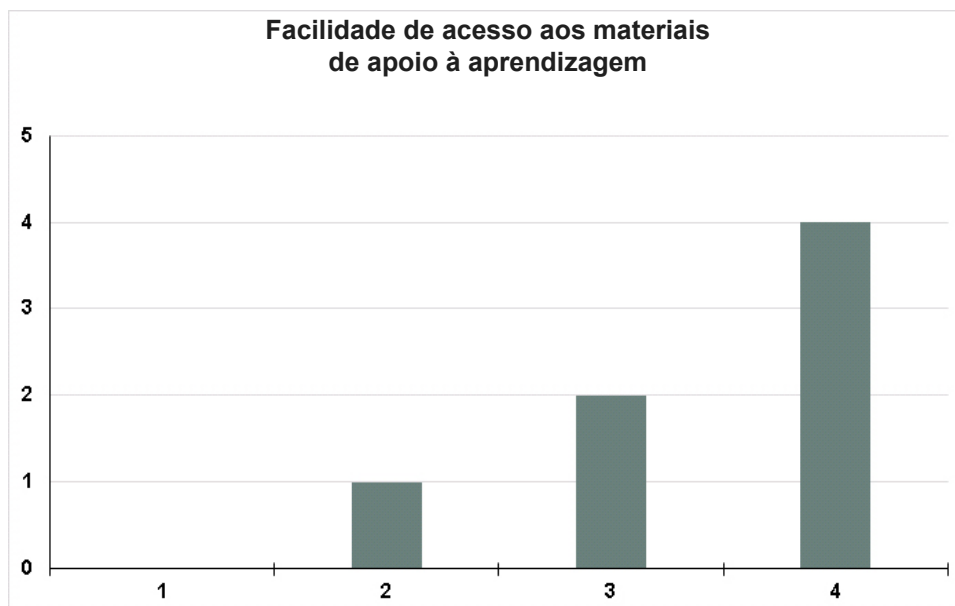


Fig. 8 – Satisfação dos respondentes (em frequência de resposta) face ao acesso aos materiais de apoio à aprendizagem.

O tipo de avaliação utilizado na universidade de destino também não se revelou um problema para a grande maioria dos participantes, que estão maioritariamente muito satisfeitos ou satisfeitos. Regista-se uma só resposta indicadora de insatisfação (Fig. 9).

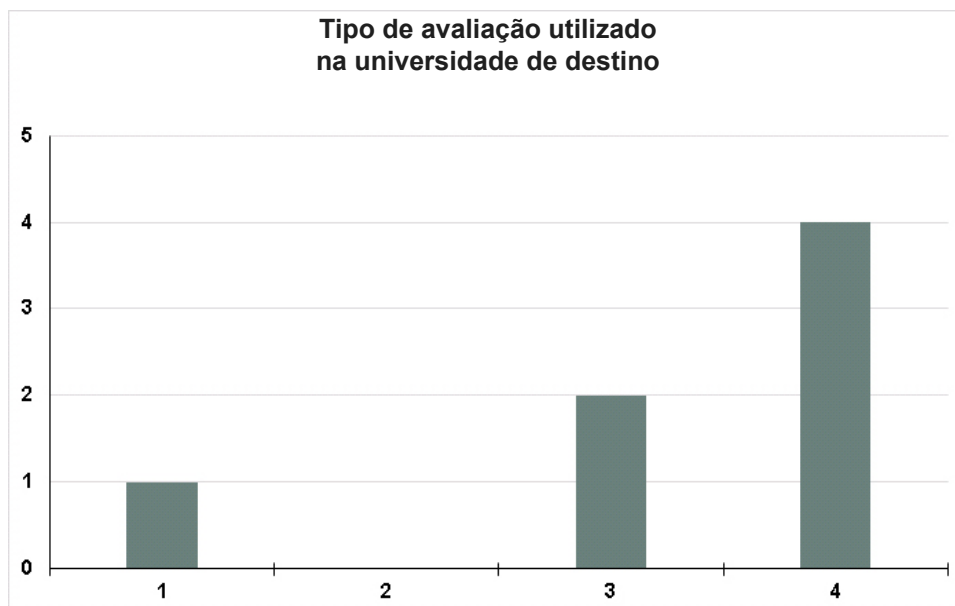


Fig. 9 – Satisfação dos respondentes (em frequência de resposta) face ao tipo de avaliação utilizado na universidade de destino.

Dadas as respostas registadas até aqui, não será de surpreender que o grau de satisfação quanto à generalidade do período de mobilidade seja elevado (Fig. 10), com quatro respostas indicadoras de muita satisfação, duas de satisfação, e apenas uma de insatisfação, ainda assim moderada.

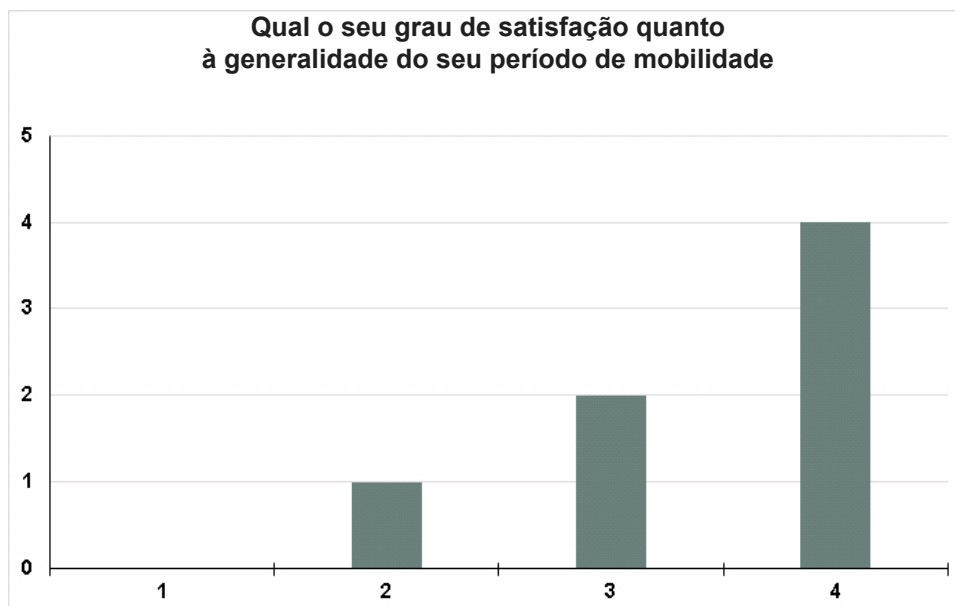


Fig. 10 – Satisfação dos respondentes (em frequência de resposta) face à generalidade do período de mobilidade.

Passamos agora à análise das respostas dadas aos itens de resposta aberta. Em relação ao item «Indique, resumidamente, e se for o caso, o que faltou para que o seu grau de satisfação fosse 4 – Muito satisfeito», registaram-se, como seria de esperar, apenas 3 respostas, correspondentes aos três respondentes cuja resposta não foi 4. As justificações que avançaram relacionam-se com: a) maior interação com colegas e professores, referido por duas pessoas; b) maior facilidade nos trâmites burocráticos, referido por uma. Estas respostas vêm corroborar os resultados quantitativos antes apresentados, nos quais, apesar de respostas francamente positivas, se registou menor satisfação a dois níveis: o da relação com os colegas e o do acolhimento pela instituição que os recebeu. Pode então inferir-se que a dimensão «acolhimento» poderá exprimir, por um lado, alguma dificuldade burocrática, e por outro, a receção

por parte dos colegas e professores, destacando-se os primeiros, que nem sempre terão correspondido por inteiro às expectativas dos participantes. No tocante às respostas ao item «Aconselharia a algum colega a participação num programa de mobilidade virtual? Porquê?», os participantes responderam unanimemente que sim. Os aspetos indicados como justificação para essa resposta podem ser incluídos numa ou mais das seguintes categorias: a) agrado com a experiência em si; b) conhecimento e contacto com outras culturas; e c) contacto com outras perspetivas teóricas e de investigação.

## 7 | DISCUSSÃO E REFLEXÕES CONCLUSIVAS

O reduzido número de participantes neste projeto e das respostas obtidas não permite generalizar os resultados, nem tão pouco é esse o nosso objetivo. Antes pretendemos divulgar e apreciar a experiência de mobilidade virtual quer em termos da sua coordenação como da sua vivência pelos estudantes para melhor planear e executar próximas iniciativas neste âmbito.

Como já foi referido os resultados da meta análise realizada, tendo por base as respostas ao inquérito de satisfação enviado aos estudantes da licenciatura em Educação que participaram no primeiro ano do projeto, no total de 4, tendo-se obtido 3 respostas<sup>6</sup>, mostravam já a satisfação dos estudantes em participarem nesta ciberexperiencia de mobilidade virtual, destacando-se o enriquecimento cultural que perceberam (Seabra & Moreira, 2015). Os resultados deste retomar da reflexão, algum tempo depois de esta ter sido vivenciada e alargando o leque de participantes e de perspetivas, mostram a firmeza das opiniões dos estudantes os quais foram fortalecidos pelas opiniões da coordenadora institucional, na época, técnica superior do Gabinete das relações internacionais que coordenava o projeto ao nível administrativo. Assim, É neste quadro que destacamos de seguida os aspetos que consideramos mais importantes para aprofundar a reflexão.

### **Internacionalização**

O primeiro assunto a destacar, e em relação ao qual os vários intervenientes do projeto são unânimes, diz respeito à visão sobre a mobilidade virtual em rede como uma área que deve ser alvo de uma forte aposta, já que potencia

---

<sup>6</sup> Estudo publicado em Seabra & Moreira, 2015.

a internacionalização da universidade, e o trabalho colaborativo entre as universidades, entre docentes e entre estudantes.

## **Calendário**

No que diz respeito à calendarização das atividades pedagógicas foi necessário enveredar por um caminho de harmonização do calendário letivo. Enquanto as duas instituições europeias não apresentam discrepâncias de maior a esse respeito (Quadro 1), a mobilidade virtual com a Universidade de Quilmes apenas foi possível com grande esforço e boa vontade para permitir a participação dos estudantes na experiência virtual, manifestada por todos os setores participantes do projeto, ou seja: estudantes, docentes e gestores de ambas as universidades. As diferenças entre os calendários letivos implicaram sobretudo uma grande flexibilidade da parte dos estudantes, que frequentaram UC's num período em que estariam em pausa letiva, comprometendo as suas férias. No que diz respeito aos docentes, e como veremos de seguida, a questão principal relacionou-se com a avaliação dos estudantes e o respetivo calendário de provas, aspeto que foi alvo da maior atenção e preparação tanto ao nível da coordenação científico-pedagógica como da coordenação administrativa do projeto, que procuraram minorar as dificuldades, tendo desenvolvido algum trabalho extra – como se descreve adiante na secção referente à avaliação.

## **Língua e cultura**

Embora as questões da língua de docência tenham sido ultrapassadas, pela definição de ambas as línguas (Português e Espanhol) como línguas de comunicação, emergiram problemáticas que deverão ser consideradas em

futuros projetos, pois, apesar do esforço de ajustamento que estudantes e docentes terão sempre de fazer para comunicarem numa língua que não é a língua materna, este processo comunicativo poderá ser melhorado se os professores para além de estarem sensíveis ao problema tiverem também conhecimento de técnicas a usar na comunicação com alunos estrangeiros.

## **Avaliação**

A avaliação, em todas as instituições participantes, inclui uma componente que é realizada a distância, e uma componente que implica a realização de uma prova presencial. O agendamento da prova presencial representou uma dificuldade assinalável devido à não coincidência dos calendários letivos, tendo sido ultrapassada em virtude do envolvimento pessoal dos coordenadores cursos e do projeto nas várias universidades. Concretamente, os estudantes da UAb, que frequentaram UC's em Quilmes, foram avaliados em Portugal, na presença de um professor vigilante, numa época em que não estavam já a decorrer provas presenciais. Tal requereu um esforço suplementar da parte dos professores que voluntariamente fizeram as vigilâncias. As provas foram realizadas na mesma data em Portugal e na Argentina, para não ser comprometida a validade das mesmas.

No ano 2013/14, e já com a experiência do ano anterior, optou-se por fazer coincidir os calendários de avaliação – isto é, os estudantes realizaram prova ao mesmo tempo que os colegas portugueses. Nesta situação, foi necessária a elaboração de uma prova suplementar por parte dos docentes, uma vez que a avaliação não decorreu em simultâneo nos dois países. Os enunciados foram enviados diretamente pelos coordenadores do projeto em cada instituição

para os seus congéneres, por via digital. As provas realizadas, por sua vez, foram digitalizadas e enviadas aos docentes para correção expedita, seguindo depois por correio os originais.

Uma outra dificuldade no que tange à avaliação diz respeito à diversidade de escalas de avaliação usadas pelas instituições. Atendendo aos seus pontos máximo e mínimo, descrição qualitativa, e classificação mínima para aprovação, foi definida uma tabela de equivalências das classificações obtidas, o mais justa possível que teve de ser aprovada ao nível da reitoria para assegurar o enquadramento institucional.

Finalmente, apresentamos as palavras da estudante Rute Neto, em 2013, que, no seu depoimento sobre esta experiência, mostra bem o interesse deste tipo de iniciativas:

Tenho para mim, que o programa de mobilidade foi um grande passo dado pela UAb, sinal de que vivemos num mundo globalizado. Sem dúvida uma mais-valia para nós alunos, para o corpo docente uma troca de experiências, que bem aproveitadas poderão beneficiar ambas as universidades na melhoria das ferramentas tecnológicas a usar e dos conteúdos curriculares.

Notícia publicada na Newsletter n.º 49, de março de 2013

## 8 | REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Croese, B. (2011). Internationalization of the Higher Education Classroom: Strategies to Facilitate Intercultural Learning and Academic Success, *International Journal of Teaching and Learning in Higher Education*, 23(3), 388-395. ISSN 1812-9129.

Ruiz-Corbella, M. & Alvarez-Gonzalez, B. (2014). Virtual mobility as an inclusion strategy in higher education: Research on distance education master degrees in Europe, Latin America and Africa. *Research in Comparative and International Education*, 9(1), 165-181.

Choudaha, R., & Chang, L. (2012). *Trends in International Student Mobility*. New York: World Education Services. Disponível em: [www.wes.org/RAS](http://www.wes.org/RAS) [Consultado a 31/01/2015].

OECD (2014). *Education at a Glance 2014: OECD Indicators*. OECD Publishing. Disponível em: <http://www.oecd.org/edu/Education-at-a-Glance-2014.pdf> [Consultado a 20/12/2016].

Fuente, A. J., Ferreira, R. M., Fueyo, A., Soler, F. O., & Lanvin, D. F. (2011). *Virtual Mobility Exploitation Scenario TeaCam Project – WP7 – Exploitation Centre*. Oviedo: Universidad de Oviedo.

Hewson, C. (2006). Secondary Analysis. In V. Jupp (Ed.), *The Sage Dictionary of Social Research Methods* (pp.274-276). Londres: Sage Publishers.

Yamagishi, T., Cook, K. S., Watabe, M. (1998). Uncertainty, trust, and commitment formation in the United States and Japan. *American Journal of Sociology*, 104, 165-194.

Knight, J. (2003). Internationalization of higher education practices and priorities: 2003 IAU survey report. IAU: <http://www.unesco.org/ia>.

Moreira, D. & Seabra, F. (2017). Mobilidade virtual em rede no contexto da Licenciatura em Educação da UAb. Em Paulo Dias, Darlinda Moreira e António Quintas-Mendes (Coord.) (2017). *Novos olhares para os cenários e práticas da educação digital*. Educação a Distância e eLearning, N.º 2. UAb. ISBN: 978-972-674-808-3. pp. 44-78.

Seabra, F., & Moreira, D. (2015). Uma experiência de mobilidade virtual no contexto ibero-americano: Participação da Licenciatura em Educação da Universidade Aberta no Projeto PIMA-AIESAD. In. M. J. Gomes, A. J. Osório & L. Valente (Orgs.), *Challenges 2015: Meio Século de TIC na Educação/ Half a Century of ICT in Education (770-779)*. Braga: Universidade do Minho, Centro de Competência em TIC na Educação.

Moreira, D. & Seabra, F. (2017). Mobilidade virtual em rede no contexto da Licenciatura em Educação da UAb. Em Paulo Dias, Darlinda Moreira e António Quintas-Mendes (Coord.) (2017). *Novos olhares para os cenários e práticas da educação digital*. Educação a Distância e eLearning, N.º 2. UAb. ISBN: 978-972-674-808-3. pp. 44-78.